

Um rastro do teu olhar apareceu na foto onde, distraída, revelas o que sobreviveu a ti.

Gira a meu redor um clima úmido; abundantes efeitos colaterais prometem o retorno das fúrias, ressurgidas do passado anulado, fugindo do controle em que se meteu fingindo calmarias.

A construção de um mundo onde a interação homem – máquina supera a relação interpessoal é uma fuga pela virtualidade, como se a satisfação das necessidades e as realizações na vida pudessem estar afastadas da realidade.

Perturbadores desvios impedem a fala dos ventos e das chuvas.

Estou esgotado no ritual do despertar que se apoderou do meu corpo, do meu sonho e do meu dormir.

Dando-nos sentidos comuns na ordem e no caos, desde o ponto de observação, sem antes nem depois, arrancávamos segredos, intimidades, inovações, revelávamos animalidades impensadas afagávamos novos prazeres.

Teimosamente, sinto as tuas dores em cada canto do mesmo corpo, sinto-as como se fossem minhas, o aperto no peito saudoso, a perna da cansada andarilha, o útero da leoa aposentada. Prossigo levando órgãos narradores, escondendo entre tuas queixas epidemias de desejos, eternamente insatisfeitos.

Quando o sol descansa, as estrelas se convertem em espetáculo.
Misteriosamente as imagens se transformam em ecos sentimentais.

Pode durar um amor construído num único dia? O estonteante e longo entusiasmo se sustenta sólido? Nascido sob o signo da celebração estenderá alguma ajuda quando as pragas vierem? Saberá ocupar todas as transformações que a natureza lhe costuma impor? Poderá esse amor amenizar os mitos, eliminar os altares e os sacrifícios

Escutar tua voz, antiga melodia! Encantado em aventurar-me a pensar o novo dia, despertar contigo e me encontrar com a alegria.

Dispensando os gritos, acelero a dispersão. Localizado entre um abandono e um desencontro, fica o corpo acompanhando, à distância, a boca calada, a surpresa compartilhando o susto, as lembranças partindo com o adeus não acontecido.

Confirmado; o tempo não espera permissão, simplesmente ocupa seu lugar. Costumeiramente, avança, nunca se atrasa, passa por perto, nos dá sinais de vida, nunca fica, apenas faz um pequeno intervalo nos grandes sustos e na hora da morte.

Procuro o teu carinho, diz-me se esse lamento que ainda ouço é o teu? Se ainda sentes algo ou só ficou o “mais nada”.

Enquanto um de nós se encarregava de afastar a gentileza, o outro não respeitava o alheio. Rupturas acumuladas em amontoados esquecimentos nos fizeram perder o juízo enquanto fugimos disfarçados de loucos sobreviventes.

Sequestrado pelas utopias, indiferentes aos resultados e à continuidade, me desobrigo do seletivo passado, me deleito em lembranças escolhidas, passeio entre o lá e o aqui, me ensaio, nas histórias me experimento.

Não aceito que no presente o passado não tenha cara de passado, que não mais estejam aqui àqueles afetos com menos fracassos, mais não-sei e menos porquê, menos informações, menos pessoas mortas, mais encantos, mais piedade, mais camas quentes e menos guerras. Não consigo ser mais, ser aquele que algum dia fui.

És minha seda, meu cetim, meu tafetá. Todavia não te perguntei se virás vestida para sempre ou apenas para uma ocasião, se me preparo para a próxima festa ou se te espero acordar para sair.

Organizo uma forma resolvida de mastigar as injustiças, tudo em vão! Não bastam os rituais. As dores falam, insistem por sua inclusão, forma sem a qual seguirão abandonadas à própria sorte.

As respostas estão nos teus olhos; afinando os olhares, verás guias indispensáveis. Se houvesse outros caminhos, eu tentaria chegar por eles para dizer-te que sei mais do que convém, que te adivinho, que terminei com a ocupação ilegal sem haver feito o prometido.

Devolvam-me a obediência, a tolerância, a coragem para enfrentar ideias nocivas que se autoproclamam as mais justas e as únicas corretas. Não me basta ser dissidente, não me alcançam discursos. Sinto-me mais só diante de tantas campanhas de validação do inaceitável.

Um batimento mais orgânico, movido por engrenagens ocultas, dá-me indícios de alguma circulação. Elas, as engrenagens, me acompanham em qualquer lugar. Indicam-me uma posição do que está sucedendo ordenando alto, sonora e significativamente a exaltação dos sentidos e o compasso dos órgãos.

A falta de ruídos me produz temores repentinos. Se ouço gritos, eles são anúncio de seres desesperados; se ouço ecos, são ilusões de respostas; se ouço cantigas, embalo-me; se escuto discursos, sei tratar-se de narrativa mal sucedida; se ouço o vento, sei-o rápido e passageiro; se ouço os relógios, é o tempo anunciando sua despedida dos dias, das estações. Se ouço o silêncio, penso ser a morte calada, escassa em movimentos, definitivamente sem palavras.

Tímida e silenciosamente todas as noites se deitam, todas as manhãs se levantam, retornam uma e outra vez ao seu lugar, acomodam-se em suas posições predeterminadas. Impulsionadas por caminhos alheios, estudam e trabalham esperando a sequência. Impactadas com a assiduidade, se aposentam assombradas com o silêncio da plateia.

Apesar dos esforços, trato de ocultar-me, sem êxito. Mudo a pele, incluo as rugas, branqueio os cabelos, o olhar mais cansado, o passo desacelerado, a esperança ferida. O grão infértil me converte em testemunha da ambígua aventura de envelhecer.

Registro uma quantidade considerável de novos estímulos ainda não adotados. Eles não podem ser escondidos em nenhum lugar, mas ocupam um lugar preferencial esses meus pensamentos.

Gosto dos meus sonhos, que me transportam, vencem barreiras, mudam a velocidade, transformam pessoas, acordam os mortos, elegem e demitem rainhas. Ruidosos e à prova de som, espiam dentro das cavernas e mergulham em águas profundas, selecionam as queixas e se abstêm de opinar, ressuscitam a coragem e põem o medo no seu devido lugar. Gosto dos meus sonhos, feitos de uma arquitetura singular, versões originais e comoventes, de minhas profundezas silenciadas.

Nas insônias ressurge o passado no presente, a ausência dos corpos preenchida por nostálgicas marcas. Abraços imaginários encontram alguém distraído estranhando o descanso.

Uma tristeza vaga e profunda enamora-se do pesar, do decaimento, do fim melancólico que se estabelece com propriedade. Nessas vivências, o destino dá voltas, contente, incompreensivelmente entra na pele, conquista adesões, invocando a dor e o pior.

A misteriosa presença de um ator fingindo alegria foi o suficiente para afugentar as ruínas. Aproveitando a burla, fez o medo vagar sem fim.

Imobilizado pela calma e pela falta de ventos, penso enquanto descanso.

Sob juramento; meias verdades. Mantive a alternativa do anonimato. Por ordem impositiva, me encarrego de endurecer os prazeres e assustar as tentações. Perante nego a minha Natureza, finjo-me ser outro até que desapareçam.

Seja um lapso, uma temporada, considero os meus costumes como as nuvens passageiras, carregadas de formas, pronunciando movimentos livres, imaginando reger a audácia, a insolência e o risco.

Não existe inimigo pequeno. O inimigo sempre avança de forma silenciosa, perturba, se consagra pelo sacrifício; como autor de ansiedades, gera discussões, enfurece os pacíficos, assiste feliz à tragédia, busca as vítimas, fazendo-as preferidas.

Omito obviedades, sei das consequências, finjo não saber, passo por tonto sobrenatural, generoso com presenças e sentenças inúteis.

Como única memória, o corpo revela todos os mistérios, conjuga todos os tempos, reveste de pele a pretendida imortalidade.

Um dos prazeres mais simples e profundos da vida: o encontro com a beleza. Como relíquias vivas a serem guardadas, elas recebem todos os favores da memória e da acolhida.

Quando se inicia uma história, não se dimensiona epílogos.

A minha aventura começa onde termina a subordinação. Alguma coisa persiste, por insistência aparece fugaz, precária como um instante, desafiando a proposta de inovar.

Numerosas incapacidades se somam para produzir algum dano. Logo que surgem, entram em atividade até contagiar pessoas e ambientes, servindo de alimento, germinando ódios. Como os ódios nunca dormem, acabam rompendo os vínculos de maneira misteriosa.

Preocupa-me a seriedade dos anjos barrocos; tidos como inocentes, parecem perplexos com tantas funções. Erguidos a um posto nobre, sendo ainda crianças, se ocupam de causas por demais complicadas, não lhes sobrando tempo para brincar. Anjos que não sonham ficam tristes, desalimentados. Eles participam de um esquema sem tréguas, ficam obrigados a cuidar de relapsos que só os procuram nas urgências. Eufóricos, não sabem que existem as consequências, que os raivosos, despreparados para o fracasso, os surpreenderão com seus egoísmos. Exaltados, lutam por exilar-se.

Antes de atravessar tuas fronteiras aceitarei a encenação para possibilitar que os teus segredos substituam a minha curiosidade. No afã de aperfeiçoar meu cantinho, sutilezas à parte, avaliarei subterrâneos e superfícies. Temo ser enredado, perder o nosso tempo, me acomodar nos teus espaços.

Bloqueadas as carícias, a medula e a sedução, cobro uma transferência de rumos em direção ao zelo. Informo a presença de uma desusada cautela que age desatinadamente, lembrando serviços prestados, segredos comuns, enganos por ilusão e, também, por erro de cálculo. Depois, decidiremos separadamente sair ou livrar-nos do que restou do outro.

Todos me dirão que é natural, que entre mandos e desmandos tudo o que lhes observo não passam de coincidências. Que os laudos são definitivos, conclusivos, indiscutíveis, que as armas promovem a paz, que os bombardeios são preventivos, que o território pertence a alguém, que o povo pobre é vagabundo, que a política é uma profissão, que os anjos da guarda estão disponíveis, que a democracia é preservada e justa. Que crianças caladas valem mais do que o barulho das crianças.

Aconchegos serviram de suplentes às fadigas acontecidas nos afetos continentais. Nosso breve tratado de situações insólitas albergou passagens, aprendizados, superstições, medos e muita solidão. Transformado em saudades cansadas de tanto tentar, assistem à abundância de ventos e a ausência de calmarias.

Verifico que há muita solidão no silêncio dos adolescentes e de outros inocentes, muita insatisfação no sono dos alunos, vazios nos braços dos velhos. Constato a falta de livros nas mentes, exagero nos supérfluos. Verifico que há entusiasmos retidos nas fronteiras separando humanos e incentivos rareados, torna-se epidêmica a corrupção, a proliferação de promessas e milagres. Vulgarizados os encontros, um despacho ou emenda qualquer anula as consequências e seus efeitos.

O hábito da mentira paralisa os lábios do fofoqueiro quando chega a hora de pronunciar a verdade. Seja qual for sua categoria social, avantajada ou ultrajada, o fofoqueiro está sempre disposto a adular os poderosos e a enganar os humildes, mentindo a ambos...

Aos trancos e barrancos, nosso amor sofre ambivalências repetidas. Entre secos e molhados, embolam-se. Os afetos e os desafetos sobem como anjos descem como pedras.